

**ROTEIRO SEMINÁRIO - GRAEBER, David. Dívida os primeiros 5.000 anos. Pp. 32-57 (O mito do escambo).**

**1. Introdução**

- Explicar sobre a biografia do autor, passando pelo seu nascimento, local de origem, filiação e formação acadêmica. Abordaremos também, nesse campo, os seus extensos trabalhos antropológicos em Madagascar, e a escrita de sua tese de doutoramento pela Universidade de Chicago. Adicionalmente, tocaremos na importância de suas pesquisas e estudos para os campos da antropologia, economia e anarquismo.

**2. Breve contextualização da obra, considerando os seguintes tópicos:**

- Dívida: os primeiros 5.000 anos é não apenas um dos mais importantes livros de história e antropologia econômicas dos últimos tempos, mas também uma obra fundamental para entender o atual estágio do capitalismo.
- Nele, o antropólogo americano David Graeber apresenta em nova perspectiva a história da dívida e do crédito, bem como da origem do dinheiro. A análise abrangente de Graeber põe em xeque mitos dos estudos econômicos, como o de que o dinheiro teria sido inventado para substituir o escambo.
- O antropólogo demonstra que, antes mesmo da criação da moeda, existiram civilizações que lidaram com elaborados sistemas de endividamento e comércio. O aparecimento do dinheiro trouxe consequências violentas para as sociedades, e a dívida, antes ligada à reciprocidade e à troca de favores, tornou-se um instrumento de escravização, dominação e guerra - como continua a ser, ainda hoje.
- Uma inédita perspectiva histórica da civilização emerge neste livro, com ênfase na dimensão social das relações econômicas e uma crítica radical ao modo como o capitalismo, por meio do endividamento, produz controle e destruição.

**3. Das páginas determinadas para o seminário:**

- Dívida pode ser quantificada, isso a distingue de obrigação, e para isso é preciso dinheiro (produto de troca com valor agregado). Nesse sentido, dinheiro e dívida aparecem ao mesmo tempo, a história de uma é a da outra.
- Primeiras obras de filosofia moral são o reflexo do que significa conceber o comportamento moral nos mesmos termos que se trata a dívida (monetários).
- Graeber argumenta que o crédito precedeu a moeda, tendo a dívida emergido como um conceito moral muito antes de ser um conceito econômico.
- Para entender o papel da dívida ao longo da sociedade compete compreender as diferentes formas que o dinheiro assumiu ao longo da história.

- Dessa forma, cabe, primeiramente, analisar a invenção monetária por meio da economia clássica e a fantasia imaginativa padrão do escambo.
- Questões como as seguintes: Onde isso começa? Quando começa? Qual período histórico em que essas divagações se inserem? Qual a motivação dos atores em abrirem locais como mercearias, padarias e todos os lugares propostos nesse exercício imaginativo? A todas essas indagações, o antropólogo sugere uma desconstrução da versão comum da história econômica, caracterizando como falaciosas as proposições que falham em teorizar claramente o surgimento do dinheiro, e que incorrem, portanto, em saltos lógicos.
- Essa proposição que baseou a criação da economia enquanto disciplina por Adam Smith, verifica-se também no raciocínio anterior de Aristóteles.
- Smith por sua vez contrapõe a convenção de que o dinheiro era uma criação de governos, sendo herdeiro de filosofias liberais como a de Locke, mas amplia o argumento que dinheiro, mercado e propriedade seriam a base da sociedade - a antecedendo, portanto.
- Todavia, quando a divisão do trabalho passou a se consolidar, problemas relacionados ao escambo passaram a ficar mais latentes: caso o que um indivíduo produza não seja útil para aquele que ele pensa em realizar a troca, ela não ocorrerá.
- Com isso, para que o sistema de trocas pudesse continuar, ele foi aprimorado: ficou comum, nesse contexto do início da divisão do trabalho, que os homens possuíssem vários produtos – além dos que eles produziam – para realizar as trocas. Assim, para além do fruto de seu trabalho, esses indivíduos passaram a estocar produtos que fossem úteis para outrem, no momento das trocas.
- Logo, paradoxalmente, houve uma certa valorização de alguns produtos, os quais passaram a se tornar um protótipo de moeda, no âmbito de tais relações de troca.
- Com o desenvolvimento do comércio, as grandes potências comerciais acabaram, quase que de forma unânime, adotando o ouro e a prata. Tal envolvimento do governo gerou alguns imbrólios na história, devido à falta de bom senso, gerando desvalorizações e hiperinflação repentinas.
- Tais acontecimentos ajudaram a formatar a economia como ciência autônoma, bem como o surgimento da moeda de forma semelhante a que temos hoje.
- Karl Menger e Stanley Jevons sistematizaram a economia por equações, mostrando que um grupo aleatório, com seus desejos, poderia estabelecer um tabelamento de preço com base nos desejos, bem como um sistema monetário – mesmo que rudimentar
- Assim, hoje, o “mito do escambo”, com uma análise simplista da história econômica, passou a vigorar. Como se a economia fosse uma escada positiva, na qual no passado, as trocas eram feitas por escambo, evoluíram para a moeda e para facilitar tais trocas, as quais

evoluíram para o capitalismo financeiro o qual conhecemos hoje.

- Dessa forma, essa história da economia foi tão difundida, com base nas ideias de Adam Smith, que por meio do senso comum, é difícil enxergar outra possível dinâmica.
- Isso não significa que o escambo nunca existiu, só que quase nunca era empregado e diferente de como Adam Smith o descreveu acontecia normalmente entre estranhos e até mesmo inimigos. Por extensão, o escambo era realizado em geral por inimigos e beirava a conversão para a guerra.
- No entanto, a linguagem utilizada pelos economistas, sempre se referindo a “sociedades sem dinheiro” ou “comunidades que se baseiam economicamente no escambo”, mostra a limitação desse pensamento e da criatividade da história comum. Para fundamentar essa história, a economia como disciplina, estabelece uma separação entre economia e outras esferas sociais, como amor, guerra e mistério, algo que não acontece com determinados povos, exemplificados pelo autor.
- Tal divisão ocorre buscando regulamentar a situação em que as pessoas, por mais que não gostam umas das outras, não busquem vínculos duradouros com os demais envolvidos e queiram obter o máximo de lucro possível dentro da interação, não recorram a atos como o roubo.
- De todo modo, por meio da apreensão do texto, torna-se claro que não há sociedades a base do escambo. Tal sociedade só existiria se, em meio a essa tensão constante, todos estivessem prestes a um iminente ataque.
- E há situações em que sim, o escambo é feito entre conhecidos, no entanto, são pessoas sem confiança uma na outra e que não pretendem construir laços contínuos, a exemplo dos “Patchuns” do Norte do Paquistão (exemplificaremos na apresentação).
- Diante do que foi exposto, compreende-se a inviabilidade do conceito de “dupla coincidência de desejos” enunciado por Adam Smith. Entende-se, portanto, que a troca e o mercado não surgem necessariamente a partir do escambo, mas de um simples sistema de créditos. Ou seja, as necessidades materiais que o mercado busca suprir não são simultâneas, nem satisfeitas primeiramente pela troca mútua de propriedades. O escambo, tal como descrito, representava uma troca de um bem por um crédito, que, mais adiante, teria seu saldo pago com outro bem.
- A partir disso, pergunta-se: como quantifica-se um crédito? Por exemplo: como equivaler X batatas <-> Y calçados <-> Z porcos, sem o uso de moeda? Para tal, entende-se que determinados objetos possuem equivalência com outros objetos de natureza semelhante, por diversos fatores. Isto simboliza as diferentes “esferas de troca”.
- No entanto, se, dentro de uma esfera de troca, um objeto só pode ser trocado por outro de valor semelhante, como surge o dinheiro? Partindo do pressuposto de que a moeda é, na realidade, um instrumento de utilização antiga, desde as primeiras civilizações, muda-se a abordagem do assunto. O essencial é entender que, em qualquer um dos cenários, constitui-se uma relação de dívida – e a moeda, então, é uma das maneiras de se contabilizar,

registrar e pagar um débito.

- Assim sendo, conforme se observou, o escambo constitui um método alternativo de efetivar trocas de bens, e é recorrente em contextos excepcionais como colapsos econômicos, ou em economias mais simples em que não se faz uso da moeda.
- Esta abordagem muda a ideia de que há uma linearidade entre “escambo -> moeda” no desenvolvimento da economia, mas uma dialética de formas de troca que variam conforme as necessidades e o contexto de determinadas sociedades, e compreendem, mas não se limitam, ao uso de crédito (a partir dos mais diversos objetos e/ou de dinheiro), do escambo e da moeda.
- Portanto, o escambo não admite a forma de uma dupla coincidência simultânea de desejos, e sim o caráter de uma espécie de acordo crediário.
- Isto quer dizer que Graeber subverte a história tradicional da economia e acredita que nos primórdios da história econômica, o que se sucedeu, a princípio, foram os sistemas de crédito. Ou seja, a história econômica começa da relação entre credores e devedores.
- Em seu raciocínio, o escambo tem sua origem entrelaçada ao dinheiro. Isto é, o escambo como espécie de relação econômica apenas surge como subproduto do dinheiro.
- É a partir dessa relação, de crédito versus débito, que as primeiras formas de dívida surgem na história da humanidade.
- Neste sentido, o antropólogo afirma que nas sociedades primitivas a dívida, antes mais próxima de uma troca de favores tornou-se um instrumento de escravização e dominação.
- Afirma também que em 5000 anos de história, a dívida sempre foi uma questão de poder e os verdadeiramente poderosos apenas pagavam suas dívidas se quisessem, e ele elenca diversos exemplos de bom senso para ilustrar essa visão.
- Em linhas gerais, David Graeber ressalta que o raciocínio dos economistas que se baseiam nas ideias de Adam Smith para explicar a história econômica está comprometida, uma vez que se delimita ao campo hipotético e imagético, desconsiderando importantes conceitos como dívida e crédito.
- De acordo com Graeber, esses teóricos não se valem de provas concretas de que o escambo, enquanto base econômica e monetária, teria acontecido de fato, limitando-se, portanto, à visão reducionista do reino da fantasia do escambo.

#### **Alunos responsáveis:**

14558735 Anna Carolina Rocha Cobreros Rodriguez / 14679601 Augusta Nobre Vieira da Silva /  
14561295 Bernardo Bolfarine Lorenzon / 14563043 Caio Stecconi Duran / 14679192 Camille Silva  
Nunes / 10880929 Rodrigo Pereira Farias / 3495801 Rodrigo Rezende de Souza / 13651651 Rubens  
Felipe Ferreira Pinesso / 14712806 Samuel Marins Ferreira / 10828815 Sival de Jesus Ribeiro /  
14679403 Thiago Lima Araujo.